



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**NO TAPETE DE HISTÓRIAS: ALINHAVANDO OS CONTOS NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALUNOS - LEITORES**

GABRIELA FAUSTINO SANTOS DE OLIVEIRA PINTO

RIO DE JANEIRO

2016

NO TAPETE DE HISTÓRIAS: ALINHAVANDO OS CONTOS NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALUNOS - LEITORES

GABRIELA FAUSTINO SANTOS DE OLIVEIRA PINTO

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito
final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Prof^ª. Dr^ª. Marcela Afonso Fernandez (Orientadora)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Dezembro
2016

**NO TAPETE DE HISTÓRIAS: ALINHAVANDO OS CONTOS NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALUNOS - LEITORES**

GABRIELA FAUSTINO SANTOS DE OLIVEIRA PINTO

Avaliada por:

Data: ____ / ____ / ____

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Silva Ribeiro

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.”

(Rubem Alves)

DEDICATÓRIA

Dedico esta vitória à minha família e amigos que me acompanharam e fortaleceram durante esta longa e difícil trajetória na graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o autor da minha fé, porque sei que cheguei até aqui por Sua Presença em meu viver.

Ao meu marido João Paulo, por todo amor, investimento, paciência, incentivo e por se preocupar a cada dia comigo, dando-me sempre uma palavra de ânimo.

À minha filha Maria Cecília, minha companheira, pelo amor, compreensão e por todos os desenhos que fazia do “dia da formatura da mamãe” e deixava junto aos meus textos, você é meu bem mais precioso.

À minha mãe Maria do Carmo, pelo amor e pelas orações por minha vida. Ao meu saudoso pai João Batista (In Memoriam) pelo cuidado e proteção enquanto estava entre nós, e por ter me passado valores imprescindíveis para a formação do meu caráter.

À minha irmã Luiza pelo apoio, carinho e pelos “risos de cachoeira” que alegravam meus dias mais nublados, a minha sobrinha Rafaela, e todos meus familiares, tios, primos, que oraram e torceram por mim.

À minha amiga-madrinha Rosangela, pelo carinho e apoio que me deu cuidando da minha filha enquanto eu estava na faculdade.

Às minhas queridas amigas “Pibidianas” Ana Cristina e Bianca, companheiras de todos os momentos desta jornada acadêmica, obrigada por todo aprendizado significativo, pela escuta sensível, pelas caronas... Que Deus conserve sempre a nossa amizade!

À Prof^a Dr^a Lucia Helena Pralon, pelo exemplo de professora que me faz acreditar nesta profissão, pelo convite ainda no início da graduação para integrar o Projeto PIBID Anos Iniciais, e nele me encontrar/reencontrar no fazer docente-iniciante.

À Prof^a Dr^a Maria Aparecida Silva Ribeiro, pelo carinho e gentileza com que aceitou ser leitora deste trabalho.

À minha querida orientadora Prof^a Dr^a Marcela Afonso Fernandez, por todo carinho, paciência, responsabilidade e comprometimento durante as orientações. Pelas palavras de conforto e encorajamento e por sua orientação segura e competente.

Às crianças da EMFA, pela oportunidade de junto com elas viver experiências, onde pude ir me construindo professora. Agradeço a Deus por conhecê-las!

PINTO, GABRIELA FAUSTINO SANTOS DE OLIVEIRA. **NO TAPETE DE HISTÓRIAS: ALINHAVANDO OS CONTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALUNOS - LEITORES**. Brasil, 2016, 35 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

Esta monografia resulta de um estudo teórico e de uma pesquisa de campo realizada na Escola Municipal Francisco Alves, localizada em Botafogo, Rio de Janeiro. O interesse pela temática possui dupla origem: as vivências advindas das oficinas pedagógicas enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Anos Iniciais, e a participação como discente da disciplina optativa Literatura na Formação do Leitor. Nesse sentido, objetivou-se analisar de que maneira as práticas de leitura literária de uma professora regente pode contribuir para a formação de alunos-leitores. Como desdobramento deste objetivo, investigou-se de que forma a arte de contar histórias realizada no espaço escolar pode estimular a formação do leitor iniciante. Nesse enfoque, a contação de histórias deve fazer parte da rotina e não apenas uma atividade descontextualizada e mecânica. O professor pode inserir esta prática a fim de desenvolver em seus alunos o interesse pela leitura literária, a apropriação da linguagem formal e a construção de conhecimentos. A relevância da pesquisa também se justifica na medida em que concebe a contação de histórias como uma estratégia de formação de leitores que humaniza as relações entre leitor-leitura-literatura e fortalece os vínculos afetivos. Para tanto, estabeleceu-se um diálogo com autores como BUSATTO (2011), FRANTZ (2011), FREIRE (2008; 2011), YUNES (2009), entre outros. Os resultados obtidos neste trabalho demonstram uma relação significativa entre essa prática de leitura literária e a formação de alunos-leitores. Com esta abordagem verificou-se que a arte de contar histórias deve ser valorizada, planejada e desenvolvida no espaço escolar como instrumento capaz de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto da leitura nos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Palavras-chave: leitura; contação de histórias; aluno/leitor.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	p.34
Figura 2	p.34
Figura 3	p.34
Figura 4	p.35
Figura 5	p.35
Figura 6	p.35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p. 10
2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR	p. 13
2.1 O papel social da leitura e suas concepções	p. 13
2.2 A leitura no espaço escolar	p. 15
2.3 O professor/mediador na formação do leitor iniciante	p. 17
2.4 A contação de histórias: um momento de encantamento	p. 18
3. A PRÁTICA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS	p. 23
3.1 Observando um ambiente de leitura	p. 23
3.2 Metodologias em ação: Observação Participante/Entrevista.....	p. 25
3.3 Análises dos dados/experiências	p. 28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 31
5. REFERÊNCIAS	p. 33
6. ANEXOS.....	p. 34

1. INTRODUÇÃO

Recordar...*tornar a passar pelo coração*, muitas vezes é difícil. Mas precisamos fazer esse exercício para construir a nossa história. Buscando essas lembranças podemos resgatar momentos que nos marcaram, alguns felizes outros nem tanto, mas cada experiência é importante para a nossa constituição como ser humano.

Quando penso sobre as situações que me colocaram em contato com os livros, me deparo com recordações especiais da minha infância, as quais trago em um lugar especial. Lembro-me das primeiras histórias bíblicas, os contos de fadas contados por minha mãe. Da minha professora do primário, tia Conceição, com sua cestinha de leitura, dos livros que ganhava em meu aniversário.

E nesse contexto, me questiono: principalmente nos dias atuais, com tantos atrativos tecnológicos, que tentam ofuscar o brilho que envolve o momento do “Era uma vez...”, como despertar nas crianças o prazer pela literatura?

Os anos se passaram. Ao ingressar na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) para estudar Pedagogia, tive a oportunidade de cursar uma disciplina optativa “Literatura na Formação do Leitor”, com a professora Marcela Fernandez e este encontro mudou a minha história com a leitura. A cada aula, tinha vontade de sair e comprar livros para ler. A partir daí, pude me aproximar mais das relações aluno/leitor-literatura e na busca por compreender como se dá essa atividade tão relevante de formação de leitores não apenas na escola, mas também na sociedade.

O interesse em estudar esse tema em meu trabalho de conclusão de curso surgiu a partir de dois momentos, primeiro pelo despertar ocorrido nos círculos de leitura e formação de leitores na disciplina supracitada, que contribuiu significativamente para o meu aprendizado. E, segundo, por meio de minha atuação como bolsista Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), através das oficinas pedagógicas na Escola Municipal Francisco Alves, localizada em Botafogo, no Rio de Janeiro. Essas oficinas integram as atividades desenvolvidas no subprojeto “Pedagogia/Anos Iniciais do Ensino Fundamental” do PIBID da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nestes dois momentos de formação do curso de Pedagogia, tanto na condição de bolsista como na atuação enquanto discente na disciplina de Literatura na Formação do Leitor, me interessei por buscar respostas a meus questionamentos. Minhas preocupações neste estudo são discutir quais atitudes direcionam o professor na formação de alunos-leitores, e considerar como o ensino da leitura deve estar associado a práticas que estimulem a compreensão do mundo, a criatividade, a autonomia, sem perder a curiosidade e a busca por sentidos para a criança.

Nesse sentido, tenho como objetivo investigar as práticas que contribuem para a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Tomando por base a experiência de acompanhamento do processo de formação de alunos leitores em uma turma do 1º ano de escolaridade do ensino Fundamental e da atuação da professora com a metodologia do Tapete de História, me propus a estudar especialmente a arte de contar histórias. Nesse estudo, busquei investigar também a importância da literatura nesta escola; verificar projetos desenvolvidos na escola com a literatura; observar a prática pedagógica dos professores para despertar o interesse pela literatura; conhecer e analisar os resultados desta prática de leitura na escola.

É através da leitura, principalmente na escola, que a criança entra em contato com as histórias como herança cultural da experiência humana. Nesse sentido, Eliana Yunes (2009) ressalta:

A leitura, bem como a escrita, são produções da experiência humana que a história social promoveu, e do ponto de vista da aprendizagem, correspondem as práticas valorizadas na transmissão cultural: ser analfabeto é estimo grave em nossa sociedade. Tanto assim que a instituição pública responsável pelo patrimônio cultural preservado está assentada sobre o ler e escrever, e a educação formal e informal consideram a importância de recolher e registrar o vivido, formatando como narrativas ou relatos. (p. 71)

Entre os diversos autores citados e tidos como referencial teórico neste trabalho, destaco Cléo Busatto (2001) quando destaca que “ [...] histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo, transformar sua história pessoal numa epopéia, uma narrativa essencial. ” (p.17).

Na pesquisa qualitativa a proximidade é necessária. A observação participante é uma estratégia importante para a o trabalho de campo, pois “um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica.” (MINAYO, 2011). Esse tipo de pesquisa se caracteriza pela interação direta entre o pesquisador e a situação pesquisada permitindo reconstruir os processos e as relações que constituem o ambiente escolar.

Desenvolvi alguns procedimentos metodológicos em minha investigação:

- Revisão bibliográfica: levantamento de livros, artigos, referentes a discussão acerca do processo de formação de alunos – leitores;
- Coleta de dados: acompanhamento de uma turma do primeiro ano de escolaridade do Ensino Fundamental em seu cotidiano escolar;
- Acompanhamento da experiência do Tapete de Leitura pela professora desta turma.
- Para a coleta de dados, usei um caderno de campo onde foram registrados os acontecimentos do cotidiano da sala de aula, para uma análise posterior.

No primeiro capítulo desta pesquisa pretendo destacar a importância da leitura na formação do leitor, bem como algumas de suas concepções. Adentrarei no espaço escolar para compreender o papel do professor-mediador de leitura na formação do leitor iniciante e a contação de história como estratégia de encantamento e despertar do gosto pela leitura literária. No segundo capítulo, descreverei o processo metodológico desenvolvido durante a pesquisa, situarei a escola, a observação participante realizada, a descrição da contação de histórias, a entrevista com a professora, assim como as análises decorrentes da mesma. Por fim, farei as considerações finais ressaltando a importância da literatura no processo de formação do leitor.

2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Neste capítulo abordo a importância da leitura, como uma habilidade que perpassa praticamente todas as atividades do nosso cotidiano. A leitura literária é capaz de ampliar e transformar a visão de mundo do ser humano, sendo uma atividade enriquecedora, que proporciona conhecimentos e experiências de vida diversas.

2.1 O PAPEL SOCIAL DA LEITURA E SUAS CONCEPÇÕES

Quando penso em leitura, buscando o sentido mais amplo, entendo-a como uma maneira de compreender e se apropriar o mundo a nossa volta. Esta é uma busca constante durante a nossa vida, pois desde o nascimento procuramos ler as expressões nos rostos de nossos cuidadores, os diferentes sons, o toque, os diferentes cheiros. Mais tarde, crescidos, uma nuvem escura no céu indicando para levarmos o guarda-chuva, um sinal de trânsito, uma bula de remédio, uma notícia de jornal, uma mensagem no celular. A leitura permeia as nossas vidas.

Lemos o mundo e tudo o que nele existe sempre na busca por respostas, como um convite a refletir sobre o contexto social no qual estamos inseridos. Nesse sentido, o leitor vai além da leitura do código, ele lê o mundo, buscando construir significados, interagindo em diversas situações cotidianas. Assim, o ato de ler faz parte da formação do ser humano, antes mesmo que este tenha o domínio do código escrito.

O autor que vem dialogar com esta perspectiva é Paulo Freire (2008), ao afirmar que:

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo, A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (p. 11).

No diálogo com esta abordagem, Marisa Lajolo (1995) traz sua concepção a respeito da leitura, ao afirmar que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (p. 59)

É preciso ampliar nossa visão quando falamos dos leitores para que não fiquemos no senso comum entendendo que ao ensinar o aluno a decifrar o código escrito estaremos formando leitores. Ao contrário, devemos viabilizar que haja uma leitura curiosa que coloque o leitor em formação em uma posição de criticidade, que estimule a pensar no contexto social onde está inserido e do qual participa. O leitor constrói, cria e (re)cria novos sentidos, é também autor do que lê, interagindo com a leitura.

Destaco ainda, João Wanderlei Geraldi (1984), que em sua concepção aponta três componentes para o processo da leitura: autor, leitor e texto. Um processo de interlocução entre o autor e o leitor, mediado pelo texto. O autor busca dar significados ao seu texto pensando em seus leitores, porém não pode dominar o processo de leitura do leitor, que em sua leitura reconstrói o texto atribuindo a este novos significados.

Incluo também nessa abordagem sobre a leitura Jurema Nogueira Mendes Rangel (2004) e sua concepção de leitura. A autora chama atenção para o fato de que o leitor deve ser percebido não como mero reproduzidor de conhecimentos, mas sujeito da ação, quando afirma que:

Na medida em que a leitura possui uma dimensão dinâmica e dialógica, ativa os conhecimentos construídos na interação social e cria um movimento de produção de sentidos que extrapola a informação contida no texto. A leitura atua como um norte para a intervenção do sujeito na sociedade, a partir da problematização do que lê, envolvendo a conscientização e o questionamento da realidade. (p. 44)

Vejo como é relevante pensar no processo de formação de leitores para a construção de um cenário social menos excludente. A compreensão adquirida pela reflexão crítica através da leitura permite ao leitor um posicionamento consciente frente as demandas sociais na qual está inserido. Freire (2008), Geraldi (1984), Lajolo (1995), Nogueira (2004), apresentam argumentos sobre a relevância de se ler o texto para se ler o mundo, para além da decodificação das palavras.

Entendendo que o leitor criativo, busca dialogar com o texto, criando possibilidades de recriação de sentidos. Portanto, o contato com a leitura, deve ser promovido de maneira que traga experiências significativas para o leitor iniciante. E a escola é um local de grande importância para a sua formação.

2.2 A LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR

No item anterior descrevi algumas concepções de leitura, a sua importância para a formação do leitor e o papel assumido pelo sujeito-leitor diante do suporte textual lido. Por meio da leitura dialógica com um texto literário, o leitor pode romper muitas vezes com o significado inicial dado pelo autor. O leitor desta forma constrói sua autonomia.

Observo que o processo de leitura vem sendo conduzido nas escolas por vezes desprezando as especificidades dos alunos-leitores em formação e suas inúmeras possibilidades de crescimento intelectual. Constitui-se, além disso, uma ideia de que o aluno-leitor apenas decodifica o código escrito, não interage com o texto e com o autor, não reflete sobre o que lê, não cria ou atribui sentido algum.

Essa concepção difere do pensamento proposto por Paulo Freire (2008), ao enfatizar a necessidade de formação de um leitor ativo, crítico e produtor de sentidos.

Na busca por compreender o espaço da leitura nos ambientes escolares e a maneira como se concebe a prática leitora literária, trago para minha reflexão as contribuições de Ezequiel Theodoro da Silva (2003), ao apontar alguns impedimentos para que se promovam atividades leitoras significativas no Brasil. Para o autor, “deficiências encravadas e reproduzidas historicamente no espaço escolar” (p. 40). Dentre elas, Silva destaca a falta de estrutura física das escolas públicas do nosso país, a ausência de bibliotecas e bibliotecários, o

desabastecimento regular de livros, a falta de salas apropriadas para a prática de leitura, entre outras questões.

Sendo a escola uma das instituições encarregadas pela transmissão da cultura para as novas gerações, a leitura se destaca por ser uma competência básica para o melhor desempenho escolar e o exercício da cidadania. Para Rangel (2004), os conteúdos e procedimentos adotados e as práticas de leitura na escola, são atravessadas pelas demandas sociais, tornando-se um caminho para a inclusão ou exclusão do aluno, no contexto de uma sociedade capitalista.

Ademais, Rangel destaca ainda que a leitura na escola concentra-se nos textos dos livros didáticos, cuja finalidade seria a realização de exercícios gramaticais, reforçando a ideia de uma cultura escolar que pressupõe práticas reprodutoras e formas de avaliação homogeneizadoras que separam os “leitores dos não-leitores.” (*ibidem*, p.46). Concomitantemente, aponta que a escola propõe três caminhos para o trabalho com a leitura: os livros paradidáticos, o livro didático e outros textos complementares. Ao abordar as produções literárias, Rangel ressalta que as propostas de compreensão são muitas vezes baseadas aos livros didáticos, no preenchimento de fichas de leitura, na leitura em voz alta, na mera repetição.

Silva (2003) vem contribuir nessa reflexão sobre o universo escolar quando aborda como se dá o momento da dinâmica da leitura na escola, ao focalizar que “o uso exclusivo e acrítico do livro didático, por exemplo, acaba por gerar uma barreira ao longo do processo de formação dos leitores.” (p. 41). Para o autor, são os protocolos de disciplinamento do leitor, que contribuem para distanciar um ensino eficaz nos espaços escolares.

Tomando por base as questões pontuadas pelos autores supracitados, penso que a prática de leitura no cotidiano escolar tem sido realizada de maneira preponderantemente mecânica. A leitura torna-se esvaziada de sentidos e desestimulante, onde

[...] os leitores são levados a “repetir” e até mesmo a “memorizar”, sem compreender, objetivamente, os sentidos preestabelecidos pela instituição, geralmente, na forma de cópias literais a partir da convivência alienada com os livros didáticos ou com textos sem nenhuma significação social para as turmas de alunos. (*idem*, 2003, p. 42)

Durante a leitura, é que o texto pode ser transformar, ganhar novos sentidos, permitindo ao leitor iniciante aprender, despertar para o seu lugar no mundo. Entendendo a escola como o espaço privilegiado para a interação leitor iniciante-texto, penso que as crianças devem ser incentivadas o quanto antes para o gosto pela leitura sem cobranças ou reprovações. Nesse sentido, “ler é interagir para produzir sentidos e não reproduzir os sentidos protocolados e cristalizados”. (*ibidem*, 2003, p. 42)

A maneira como o livro é escolhido e apresentado para a leitura pelo professor, bem como a qualidade e a quantidade de leituras literárias que são propostas durante o ano letivo tendem a afastar os alunos em formação. Vejo que a escola tem um papel fundamental na criação de ambientes geradores de leitura, uma vez que é um espaço privilegiado onde a criança tem uma maior proximidade com os livros, mais do que qualquer outro ambiente, até mesmo em suas casas.

Penso que os professores têm um papel fundamental na escola como mediadores na formação de leitores. Para tanto, precisa também ser um leitor entusiasmado, cultivando esse desejo em seus alunos.

2.3 O PROFESSOR/MEDIADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR INICIANTE

Aos professores dos anos iniciais é dado o grande desafio de ensinar seus alunos a lerem e escreverem. Por ser a escola o espaço onde as crianças têm um maior contato com os livros e outros suportes textuais, considero-a um local repleto de possibilidades para a formação do leitor iniciante. O professor passa a ser o sujeito que atua como mediador nesse processo buscando por atividades que integrem a criança com a leitura.

Para que aconteça uma experiência de aprendizagem significativa, penso que seja necessária a intervenção de um professor atento e sensível as condições de seus alunos. Além disso, que seja próximo destes para diagnosticar, criar e mediar situações de leitura que possibilitem a construção de novos conhecimentos.

Segundo Paulo Freire (2013), o educador é o responsável por “facilitar a aprendizagem” (p.47) e chama a atenção para essa atuação do professor ao dizer que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (*idem*, p. 47).

Para compreender melhor a relevância das práticas dos professores na formação dos leitores iniciantes, Silva (2013) afirma que o modo como o professor concebe o processo de leitura orienta a sua prática de ensino em sala de aula.

Na sociedade contemporânea, o ler se presta a um leque diferenciado de finalidades. Sabendo disso, é importante que o professor carregue consigo uma tipologia de interlocuções com os textos de modo que planeje as atividades de leitura para um grupo ao longo do percurso acadêmico. As perguntas “Por que ler?” e “Para que ler?” na sociedade (ou na comunidade específica onde vivem os alunos) são imprescindíveis para a organização coerente das atividades de leitura a serem vivenciadas pelos alunos. (p. 42)

Nesse sentido, entendo que o professor deve procurar planejar as atividades de leitura, considerando sempre o referencial de seus alunos, seus gostos e interesses, numa perspectiva inclusiva de educação. A arte de contar histórias pode ser uma estratégia com o potencial de apresentar o mundo da leitura literária para as crianças.

2.4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM MOMENTO DE ENCANTAMENTO

Pretendo discorrer sobre a importância da arte de contar histórias para a formação do leitor iniciante por considerá-la uma atividade imprescindível ao desenvolvimento da criança, pois contribui para potencializar a imaginação, a linguagem, a memória, a atenção, a solidariedade e a afetividade.

A contação de história é um dos meios mais antigos de interação humana. Durante muitos séculos, homens sentavam-se ao redor de fogueiras para contar e ouvir histórias, “ali em torno do fogo, em roda, trocavam saberes, notícias e comunicavam seus afetos, jogavam seus desafios de que as trovas e o cordel também são testemunhos.” (YUNES, 2009, p.78).

Sendo uma prática milenar, a arte de contar histórias surgiu muito antes da escrita, não tendo uma data cronológica exata para marcar o seu surgimento. A história e o conhecimento acumulados pelas gerações eram transmitidos oralmente pelos contadores por meio das crenças, mitos, costumes e valores preservados na comunidade. Geralmente eram as pessoas

mais velhas que narravam aos mais jovens às histórias sem a presença de escritos elaborados e que traziam registros apenas da memória.

Desde o berço a criança escuta a mãe cantando, ninando ou contando histórias antigas. Com isso, a criança aprende a gostar do livro pelo afeto, sendo por meio dele que a criança aprende e se desenvolve. Assim, as lembranças das narrativas que ouvimos principalmente na infância estão armazenadas em nossas memórias e ligadas a alguém a quem cultivamos afeto, “às vezes, mãe, avô, primeira mestra, há sempre um afeto guardado...” (*idem*, p.70), permitindo através do encantamento desse discurso, nos apresentar um mundo ainda a ser descoberto.

Na busca por uma melhor compreensão sobre o contador de histórias e sua relação com as mesmas destaque Cleo Busatto (2011) que, aponta dois conceitos de oralidade: a oralidade primária, sem vínculo com a escrita e a impressão, e a oralidade secundária, relacionada à cultura tecnológica atual.

Para a autora, o contador tradicional, mesmo inserido num contexto cultural letrado não se deixa envolver por ele, por fazer parte de um grupo social que absorve as informações através da oralidade sendo “um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio que habita, transformando-se na memória coletiva de sua comunidade e transmitindo por meio dos contos, lendas e mitos, as raízes culturais de seu povo.” (p. 19).

Outro enfoque dado por Busatto diz respeito a “urgência de se recuperar o tempo de ouvir” (*idem*, p.20). Por conta da cultura tecnológica na qual estamos inseridos, muitas vezes “consumimos” mais as informações advindas da internet, dos jornais, dos noticiários do rádio e da TV e deixamos de lado as experiências e conhecimentos advindos da comunicação oral. É necessário priorizar tempo para ouvir.

Nesse tempo de produção, parece que não há disponibilidade e serenidade para ouvir histórias, apesar do crescente interesse que se tem observado pela narração oral. Esse estado de espírito, o ouvir, que pede quietura interna, qualidade seminal para audição plena, foi substituído pela pressa e pelo agastamento típico de quem já detém informações suficientes para o viver. (*ibidem*, 2011, p. 20)

Outro ponto de grande relevância explicitada pela autora diz respeito à interpretação através da oralidade. Busatto destaca o meio que a burguesia se utiliza para o advento do capitalismo ao produzir uma notícia já interpretada através da imprensa. Sendo assim, a informação é transmitida, absorvida e consumida sem questionamentos. Todavia, o tempo para a reflexão é a importante, pois o leitor contemporâneo necessita compreender, dialogar, questionar seu lugar no mundo.

Celso Sisto (2012) vem dialogar com essa perspectiva ao afirmar que no momento em que se conta uma história, esta abre espaço para o pensamento mágico. Desta forma, o elo de comunicação não está mais no tempo cronológico. O ouvinte, então, é envolvido pelo poder que a palavra possui ao evocar imagens capazes de levá-lo a uma suspensão temporal onde o tempo que importa é o afetivo. Para o autor, a contação de história hoje significa salvar o mundo imaginário.

Vivemos em nosso tempo, o império das imagens, quase sempre gerais, reprodutoras e sem individualidade. Essa reprodução desenfreada, operada por uma série de meios de comunicação, em muitos casos, impede o livre exercício da imaginação criadora. O espaço que sobra para o destinatário influir no produto é quase nenhum. (p. 32)

As histórias infantis nos convidam a entrar num mundo imaginário, no qual as crianças entram em contato com sentimentos reais. O medo, a raiva, o consolo, a alegria despertam a curiosidade que é uma característica marcante dessa fase da vida. Contudo, com a narração é diferente, já que ela propõe desdobramentos. O bom contador de histórias amplia o tempo narrativo, convida o ouvinte a interpretar e imaginar o que foi narrado, aperfeiçoa o ato de narrar, o transforma em arte, faz dela uma profissão ou faz da contação de histórias uma aliada na sua profissão como é no caso dos professores. Não existe um tipo específico de ouvintes assim como não existe um estereótipo de contadores, pois,

Eles chegam de todas as partes: Norte, sul, Leste, Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforos, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura,

múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados. Eles estão por toda parte: escolas, bibliotecas, creches, asilos de idosos, abrigos de crianças, de jovens, hospitais, feiras, congressos. Organizam-se em encontros, festivais, associações e rodas. Fundam espaços, ministram cursos, mantêm páginas na web, fórum de discussão virtual, e cobram, muitas vezes altos preços pela sua atuação. Eles são os contadores de história do século XXI. (BUSATTO, 2011, p. 26)

Em sua obra *Quem conta um conto aumenta o encanto*, Maria Helena Zancan Frantz (2011), nos convida a pensar sobre o interesse por contar e ouvir histórias nesta era tecnológica, às portas do terceiro milênio. Levanta um questionamento sobre o possível interesse por ouvir histórias pela oralidade, sem efeitos especiais, que contam apenas com a linguagem corporal e a voz do narrador. Em contrapartida, enfatiza o crescente número de contadores de histórias que vem surgindo hoje no Brasil, parecendo desafiar as novas tecnologias.

De acordo com a autora, somente aquele que, por experiência, contou histórias para um público atento e encantado poderá compreender “que mistério é esse que envolve as pessoas neste momento que não morre, apesar de toda tecnologia”. (p. 68). Ouvir histórias passa a ser um momento que encanta não apenas as crianças, mas jovens e adultos também.

Ainda sobre isso, Frantz (2011) aborda os benefícios desta atividade para a promoção da prática leitora, já que o primeiro contato da criança com a leitura é feito através da audição/escuta de histórias, sendo um momento rico em aprendizagens sensoriais, intelectuais, e emocionais, onde a criança começa a entender o mundo a sua volta. A experiência de ouvir histórias envolve a criança, que “vai elaborando internamente esse universo estruturado através da linguagem” (*idem*, p.69) e tem como um desafio à busca pelo significado do que está sendo narrado. Assim, mesmo antes de saber ler a criança já é “introduzida no mundo da leitura” (*ibidem* p.68), mediada pelo contador / leitor de histórias.

Para Eliana Yunes (2009), a oralidade é fundamental para organizar o pensamento, por isso a prática da narração de histórias deve ser bastante utilizada na educação. Saber falar de maneira que seja compreendido, é “exercício importante para dominar o discurso” (p.13) e, assim, conseguir se expressar e se comunicar com os outros. E para aprender a falar, é preciso aprender a ouvir.

(...) Saber ouvir, saber escutar, concentrar a atenção na palavra do outro, esperar para poder falar, “arrumar as ideias” pouco a pouco, dominando o impulso de falar concomitantemente, de causar mais ruído que comunicação. Para isso, é preciso um trabalho sereno com a narração de histórias. (*idem*, p. 13.)

Reconheço, portanto, a importância desta atividade para as crianças, e entendo que a mesma precisa ser planejada de modo que elas se interessem pela história e se disponham a ouvi-la. É importante sensibilizar o ouvinte, despertar a sua curiosidade. Por isso, a escolha do texto demanda algum tempo de leitura por parte do contador que deseja agradar o seu público, é preciso que ele leia e goste de ler.

Para que a criança e o adolescente se interessem por uma história e se disponha a ouvi-la, é necessário que ela mexa com a sensibilidade, com a curiosidade do ouvinte e que, através do processo de identificação, eles se sintam parte integrante da mesma e, assim, possam vibrar e se emocionar com cada momento do enredo. Para que isso aconteça, o contador deverá estar atento para um fator de primordial importância, ele poderá ser responsável pelo sucesso ou pelo fracasso junto aos ouvintes: é a escolha adequada do texto. (FRANTZ, 2011, p.70)

O mundo mudou bastante e este é um processo contínuo, mas a arte de contar histórias ainda surge como uma oportunidade para que pela oralidade as pessoas, em especial as crianças das séries iniciais, sejam movidas a ler histórias, ampliando as suas descobertas e compreensão de mundo. Acredito ainda que a contação de história pode ser uma maneira de formar e fortalecer vínculos afetivos, contribuindo assim para a socialização, o que na dinâmica escolar, favorece positivamente na aprendizagem.

3. A PRÁTICA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS

Formar leitores é diferente de ensinar a ler. Por isso a condição principal para formar leitores é ser um leitor. A motivação da leitura nos Anos Iniciais é fundamental para a formação de alunos-leitores, procurando fugir das práticas mecânicas, centradas na decodificação das palavras. O ato da leitura e da escrita vai além, não são somente juntar umas letras aqui, outras ali. Ler e escrever são uma maneira de expressão, daquilo que se pensa, o que sente, é saber que esta comunicação precisa de outro alguém, que fale que escute, que viva.

3.1 OBSERVANDO UM AMBIENTE DE LEITURA

O desejo de investigar as práticas de leitura que contribuem para a formação de leitores nos anos iniciais surgiu a partir das experiências que tive como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID (Anos Iniciais) na Escola Municipal Francisco Alves. Os três anos em que atuei como bolsista me deram a oportunidade de vivenciar e refletir sobre diferentes práticas pedagógicas. Presenciei professores com posturas consideradas bastante tradicionais e rígidas, nas quais os alunos tinham que ficar enfileirados, realizando cópias das apostilas concedidas pela Secretaria de Educação. Mas, também pude acompanhar situações de aprendizagens mais solidárias e interativas.

Ser bolsista do PIBID me fez refletir sobre as questões que perpassam o chão da escola. As discussões e os relatos de experiências nas reuniões quinzenais com a coordenação me permitiram exercer o pensamento crítico, perceber os desafios e as possibilidades para se desenvolver um trabalho onde a concepção de educação estivesse centrada no aluno.

A Escola Municipal Francisco Alves (EMFA), especificamente a turma do 1º ano, foi o meu campo de investigação. Situada na Travessa Pepe, nº 77, Botafogo – Rio de Janeiro, a escola recebeu este pedido da Academia Brasileira de Letras. Francisco Alves de Oliveira foi um incentivador magnânimo da cultura nacional e doador da sua herança para a Academia. No ano de 1940, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Dr. Henrique Dodsworth, iniciou as

obras de adaptação da escola primária na Rua da Passagem, nº104 em Botafogo, sendo fundada em 1942.

O clima na EMFA é bastante agradável. Pude observar que as relações entre o corpo docente e os demais funcionários acontecem de maneira amistosa e cooperadora. A equipe gestora também trabalha de maneira acolhedora e respeitosa com todos sem distinção. O quadro de alunos é formado pelos segmentos:

- Educação Especial - Ensino Fundamental: 12 alunos;
- Educação Infantil – Pré-Escola: 42 alunos;
- Ensino Fundamental – Anos Iniciais: 275 alunos;
- 6º Ano Experimental – Ensino Fundamental II: 30 alunos.

(O quantitativo de alunos é variável. A escola funciona em dois turnos: manhã e tarde).

Ao atender os alunos nas oficinas pedagógicas do PIBID, eram quase unânimes certas frases que ouvia das crianças. “Ah, ler é muito chato”; “Eu não gosto de ler! ”. Através das observações que realizava nas turmas, participei de uma prática pedagógica realizada pela professora regente, do 1º ano, do Ensino Fundamental, na qual realizava uma atividade promotora de leitura, utilizando uma proposta lúdica e envolvente para os alunos.

A sala de aula dispõe de um espaço amplo, onde a professora a maioria das vezes opta por dispor as carteiras agrupadas uma em frente à outra, facilitando o contato e a interação das crianças. As atividades propostas envolvem as crianças criando assim, um ambiente favorável à aprendizagem. Os materiais e cadernos ficam arrumados em uma estante. Existe uma “caixa da leitura” contendo diversos livros, gibis, que ficam à disposição das crianças. Semanalmente, os alunos escolhem um livro para levar para casa. Os trabalhos realizados pelos alunos ficam expostos na sala em paredes e murais buscando a valorização destas produções.

O Tapete de História é uma estratégia para a promoção da leitura, realizada pela professora regente da turma do 1º ano. Ela utiliza um tapete de tecido organizado em dobraduras que lembram um cata-vento, colocado no centro do círculo. Em cada ponta desse cata-vento há uma abertura no formato de um bolsinho e dentro dele figuras selecionadas previamente pela professora, que fazem parte do enredo da história.

Percebi então uma oportunidade de acompanhar de perto essa estratégia pedagógica de formação de leitores iniciantes e os desdobramentos da mesma para fazer minha pesquisa. Durante três encontros acompanhei a turma e observei o desenvolvimento desta e outras atividades promotoras de leitura.

3.2 METODOLOGIAS EM AÇÃO: A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE/ENTREVISTA

Após decidir o tema a ser estudado em minha monografia, delimito os instrumentos metodológicos para a realização deste trabalho. A observação participante, para Minayo (2011) é “um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (p. 70). Esta técnica me conduziu a utilizar também um caderno de campo onde pude registrar as situações observadas. A entrevista também foi outra técnica metodológica utilizada. Ambas técnicas me permitiram ter uma visão acerca da relação da professora no planejamento dessa atividade promotora de leitura.

1º Encontro

Ao chegar à sala de aula, pela primeira vez, fui recebida cordialmente pela professora que logo me apresentou aos alunos, dizendo que eu estaria ali para realizar um trabalho especial e que eles fariam parte do mesmo.

No momento, os alunos estavam se organizando para participar de um ensaio para a festa Julina da escola. Os olhinhos curiosos pareciam perguntar: “O que esta moça veio fazer aqui na minha sala? ”.

Ao terminar o ensaio, a professora pediu para as crianças lavar as mãos para lanche. E assim fizeram. Após o lanche, então, a professora convidou as crianças para sentarem no chão, em roda para participar de uma atividade que ela denominou como “mágica”.

Percebi o entusiasmo das crianças e algumas mais empolgadas insistiam em falar mais alto, trazendo certa agitação ao ambiente. Neste instante, a professora realizou uma dinâmica para que os alunos entrassem no momento da contação de histórias. E disse que só poderiam começar o “momento mágico”, quando todos estivessem bem quietinhos. Então perguntou:

“quem está me ouvindo? ... colocar a mão na orelha, no nariz, no queixo, fica quietinho para ouvir a história que vamos contar! ”.

E como num “passe de mágica”, todos se mantiveram atentos e preparados para participar daquele momento. O tom da voz foi como uma melodia harmônica para a preparação da atividade. Com o tapete de história posicionado no centro do círculo, percebi a alegria que já estava no rostinho de cada criança. Eles já estavam envolvidos, a professora explicou que para que a história ficasse “bem legal” era preciso estar “concentrado”, não era o momento de ficar brincando ou distraído com outras coisas.

A professora dá início à história, ao retirar de umas das pontas que estava em sua direção, um cartão com a figura de um macaco e começa a narrativa: “Um dia o macaco estava muito triste, pois não tinha ninguém para brincar com ele...”.

Na sequência, é a vez do próximo integrante do círculo retirar um novo cartão do tapete, que está apontado em sua direção, e com uma nova figura continua a história, e assim é feito até chegar o último aluno do círculo. No decorrer da contação se o aluno-contador da vez, não consegue fazer uma conexão com a figura anterior, a professora media ao perguntar se algum colega possui uma sugestão para ajudar continuar a história. Alguns alunos levantam as mãos querendo contribuir, e uma de cada vez expõe as suas ideias para o contador da vez, que pode acolher aquela sugestão que mais lhe agrada e aquela que faz mais sentido com a história.

A pedido da professora realizei o registro da contação e ao final fiz a leitura da história que eles criaram. Ao término da leitura, a professora pediu que os alunos fizessem um desenho da parte que mais gostaram da história. As ilustrações são arquivadas para fazer parte do livro que será construído coletivamente com as histórias do tapete.

2º Encontro

Neste segundo encontro, presenciei outro momento significativo observado nesta turma, a atitude espontânea e interessada que alguns alunos já apresentam em relação aos livros. Após o término das atividades de rotina, entre eles os exercícios das apostilas da Secretaria de Educação, a professora permite um espaço para a brincadeira livre. E percebi que alguns alunos não pegaram os brinquedos dispostos na estante, mas se dirigiam a caixa de livros e “brincavam de ler”. Dentre os livros que pegavam alguns já haviam sido lidos pela professora, e naquele momento eles iam contando a partir do que se lembravam daquela

narrativa. Logo outros, largavam os brinquedos e ficavam ali, observando as imagens daqueles livros e imaginando as suas histórias.

3º Encontro

No terceiro encontro, pude participar de uma proposta relevante para a promoção da leitura. Acompanhei a contação de histórias realizadas por dois alunos para as turmas da Educação Infantil e do 6º ano. A professora escolheu os dois alunos para esta atividade por terem se destacado no processo da leitura. Um dos alunos é incluído na turma, por ser portador de necessidade específica (Síndrome de Down). Por ser incluído, este aluno deveria receber o apoio educacional de um mediador escolar, mas aguardavam desde o início do ano letivo a vinda deste mediador pela SME, e não aconteceu. A professora buscou sempre incluir esse aluno nas atividades e mesmo sem mediador ele demonstrava muito interesse em participar das propostas didáticas. A descoberta de que o aluno já estava lendo foi uma grande surpresa, segundo a professora, inclusive para a própria família do aluno. A outra aluna que participou também apresentava de acordo com a professora algumas questões comportamentais (Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), o que vinha atrapalhando o desempenho escolar. Porém, com o interesse e a inclusão no processo de aprendizagem a aluna tem se destacado na classe por meio da leitura.

A entrevista

A entrevista foi realizada através de uma conversa informal, na qual a professora me apresentou algumas considerações a respeito do processo de planejamento, da importância desta atividade para a formação do leitor, e como seria este contato com os livros na sala de aula.

De acordo com a professora o planejamento é feito com base na temática/letra que será trabalhada e desenvolvida com os alunos. Por exemplo: se trabalha a questão da sustentabilidade e “introduz” a letra “s”, as palavras / imagens que circundarão o tapete terão como foco este tema/letra.

Para a professora, a contação de história é de fundamental relevância nesta fase da aprendizagem, já que nesta atividade as crianças elaboram o pensamento e externalizam a sua opinião. Deste modo, isso vem a contribuir para a aprendizagem da leitura e da escrita, mas também para o gosto pela leitura e na formação do leitor iniciante.

Ao utilizar-se do recurso, a professora faz uma “ponte” para o suporte livro, ao construir a história oralmente, os alunos são convidados a ilustrar e a desenvolver um livro coletivo. A professora ainda realiza um “dia de autógrafos”, além de construírem o livro os alunos vivenciam as oportunidades de serem autores de suas próprias narrativas, elaboradas em conjunto.

3.3 ANÁLISES DOS DADOS/EXPERIÊNCIAS

Pensando na experiência vivenciada por mim na EMFA e diante do que pude compreender em relação às práticas observadas, penso que ainda é preciso que se promova mais oportunidades de leitura para os alunos-leitores iniciantes.

Durante as observações, articulando essa prática leitora aos textos teóricos, percebi o quanto o trabalho comprometido e interessado no desenvolvimento do aluno pode direcionar para que a literatura na sala de aula aconteça de maneira lúdica e prazerosa para as crianças. Através da contação de história é possível desenvolver a atenção, a sociabilidade, despertar a imaginação e a criatividade.

Ao resgatar essa prática da narração, o professor irá promover as capacidades e as potencialidades de seus alunos em relação à leitura de um texto, despertando neles o interesse e participação ativa no processo de leitura, oferecendo ao leitor em formação um contato mais próximo com as histórias e, conseqüentemente, com os livros.

Penso ser primordial ao se trabalhar com a literatura o incentivo e a promoção desta atividade como um processo dinâmico, onde se prioriza a formação de um leitor crítico e criativo. Além disso, defendo que devemos nos afastar da ideia de que a leitura está apenas associada à decodificação, deixando de trazer para o aluno textos que não tem para ele qualquer significado e que reproduzem apenas as questões propostas nos livros didáticos.

É preciso que em sala de aula o professor desenvolva diferentes estratégias de leitura com narrativas que tragam uma essência lúdica, cativante. O hábito da leitura é criado a partir de estímulos, e, em muitos casos, a escola é o único espaço que a criança vai ter o contato com a literatura. A meu ver o professor deve ser um leitor e ter em mente que somente aquele que lê e ama os livros é capaz de formar outros leitores.

Nesse sentido, destaco o fazer do professor- mediador de leitura que desenvolva uma prática na qual ele encontre prazer. É imprescindível que o professor goste de ler, seja movido pela leitura, para que este sentimento alcance os seus alunos também. O professor tem um papel de grande relevância, pois é ele quem vai “alinhando os contos” neste momento de construção dos sentidos de leitura, mediando a fim de que a história encontre lugar em cada leitor.

Outro ponto que me chamou atenção na prática acompanhada nesta turma, diz respeito as trocas e as construções de sentidos realizados pelos alunos no momento da contação de história. Como foi relevante o momento da roda de histórias em que os alunos e a professora, sentados em círculo, compartilharam saberes, construindo uma leitura que possibilitou o diálogo, onde o aluno-leitor ganhou voz e tomou a palavra.

A voz desse leitor iniciante que muitas vezes é abafada pelas demandas da vida moderna e pelas poucas oportunidades de trocas verbais não apenas na escola, mas em casa. Uma leitura que permite ver, ouvir, sentir as leituras de outros sujeitos, aprender, aquietar e acolher as narrativas que ganham formas no imaginário, onde cada um tem o seu espaço de criação.

No momento do círculo os alunos são convidados a serem eles mesmos os autores e através de suas narrativas constroem uma leitura mais significativa. Aqui, dialogo com Busatto (2011), que discorre sobre o imaginário e sua relevância para a narração e apropriação de uma história:

Nisso vejo então uma pista: pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas. [...] E isso pode ocorrer pelo aconchego oferecido pelas histórias; pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorosidade que flui numa narrativa oral realizada com prazer. Por outro lado, contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando se espalham por todos os sentidos, devaneando, engatinhando, até chegar ao imaginário. O coração é um grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com olhos internos as imagens que nos fazem bem. (p. 58-59)

Esta pesquisa demonstra que o trabalho que vem sendo desenvolvido pela professora da turma observada está colaborando para a formação de alunos- leitores. As atividades propostas por ela buscam conduzir o aluno-leitor iniciante ao centro do processo, tornando-o efetivamente autor de sua leitura e construtor de seu conhecimento. Para tanto, baseia-se em uma relação solidária que considera os saberes dos alunos e fortalece os vínculos afetivos, longe de autoritarismos e propostas fora de contexto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível falar em leitura sem apreciar o que realmente ela desperta em nós: a emoção do ouvir, do sentir, do olhar para si próprio e para o outro, da busca por um mundo melhor para se viver...

E para a criança, então? Vivenciar um momento de puro encantamento, uma viagem que por alguns momentos permite estar num lugar onde tudo é possível: nuvens de algodão doce, rios de chocolate...

Ao iniciar este trabalho, desejava compreender de que maneira a leitura pode se tornar um momento prazeroso para a criança, já que ao longo de minha vida escolar e acadêmica, ouvia dizer que a leitura é importante para *falar e escrever bem*, ou seja, fazer uma leitura objetiva e com um único fim. Mas, sempre pensei em outros sentidos para esta prática, outros sentidos para a leitura.

Busquei embasamento no referencial teórico para investigar as possibilidades sobre as formas de trabalhar este tema e acompanhei uma prática de leitura que contribui para despertar o gosto de leitura nos alunos-leitores iniciantes. Essas experiências articuladas possibilitaram a compreensão de que a leitura é um processo dinâmico, que resulta da interação entre o leitor e o texto, mediado pelo conhecimento de mundo deste leitor.

Retomando o objetivo inicial de minha pesquisa, onde me propus a investigar as práticas promotoras de leitura, em especial a contação de histórias, pude ratificar a importância deste ato no espaço escolar para a formação do leitor iniciante, e como o professor pode inserir a narração de histórias na sala de aula a fim de desenvolver em seus alunos o interesse pela leitura.

As observações desta prática possibilitaram a percepção do quanto esta deve ser valorizada, planejada e desenvolvida no espaço escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura, entre outras habilidades nas crianças dos anos iniciais. Constatei, também, que a contação de histórias é uma forma de humanizar as relações e fortalecer os vínculos afetivos entre o professor e os alunos.

Para mim foi gratificante participar desta experiência no ambiente escolar. Pude conhecer e reconhecer algumas características particulares do aluno-leitor em formação e

compreender que é necessário que tenhamos consciência de que a criança é o sujeito principal desse processo formativo.

Como futura professora, concluo que o aluno pode desenvolver o gosto pela leitura, desde que encontre um ambiente gerador que possibilite e o estimule a isso. Por fim, fica o meu desejo que este estudo possa contribuir para a que outros professores desenvolvam uma reflexão sobre suas práticas e busquem repensar o papel que têm na formação leitora das novas gerações.

5. REFERÊNCIAS

- BUSATTO, C. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. Quem conta um conto aumenta o encanto. In: *A Literatura nas séries iniciais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. 49ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de S. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 30 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. As práticas de leitura na escola. In: *Leitura: teoria & prática*. Associação de leitura do Brasil. N. 42. Campinas, São Paulo: Global Editora, 2004.
- SILVA, Lilian Lopes Martins da. As vezes ela mandava ler dois ou três livros por ano. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O Texto na sala de Aula*. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 2003.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em Curso: Trilogia Pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- SISTO, C. *Textos & Pretextos: sobre a arte de contar histórias*. 3ª Ed. Revista e ampliada. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- YUNES, Eliana. Práticas Leitoras. In: *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Ayamará, 2009.

6. ANEXOS



Figura 1 – Professora e Alunos



Figura 2 – Alunos na construção do tapete de histórias



Figura 3 – Livros dos Alunos



Figura 4 – Alunos: tarde de autógrafos



Figura 5 – Alunos: tarde de autógrafos



Figura 6 – Responsáveis na tarde de autógrafos